



GRANDES BATALHAS

QUE MUDARAM O BRASIL



* LUIZ OCTAVIO DE LIMA *

 Planeta

Trecho antecipado para divulgação. Venda proibida.

21

Sumário

	Apresentação	5
1	Urugumirim	8
2	Guararapes	20
3	Beckman	32
4	Palmares	44
5	Cachoeira do Campo	54
6	Invasão do Recife	66
7	Pirajá	78
8	Monte Santiago	90
9	Belém	102
10	Sabinada	114
11	Vila de Caxias	126
12	Porongos	138
13	Monte Caseros	150
14	Riachuelo e Uruguiana	162
15	Ponta da Armação	174
16	Campo Osório	184
17	Canudos	196
18	Puerto Alonso	208
19	Santa Maria	220
20	Mantiqueira	232
21	Araguaia	242
	Leituras recomendadas	254



Planeta

Apresentação

Este livro pretende traçar um retrospecto dos principais conflitos ocorridos no Brasil, dos anos que se seguiram ao Descobrimento aos que marcaram o período anterior à redemocratização.

Foram tempos que testemunharam os primórdios da colonização portuguesa, investidas de franceses e holandeses que aqui deixaram suas heranças culturais, ciclos econômicos que produziram crescimento e desigualdades, escravidão e lutas pela liberdade, movimentos nativistas e separatistas, conquista de territórios e surtos revolucionários.

As batalhas aqui narradas se constituíram em confrontos que, apesar de muitas vezes pouco conhecidos ou lembrados, foram decisivos para definir traços do povo brasileiro e redesenharam gradualmente os limites do território nacional.

Mesmo sem alcançar as proporções épicas dos combates que se inscreveram na história mundial, a maior parte dos episódios descritos pouco fica a dever a eles em aspectos emocionantes, trágicos e surpreendentes. Ou em personagens instigantes.

O país que emergiu desses conflitos foi uma nação cheia de contradições, marcada por intrigas políticas, interferências externas – e capaz de iniciativas extremamente violentas para mudar ou reafirmar o *statu quo*.

Um Brasil que todos temos o dever de conhecer, para entender o presente e legar um futuro mais pacífico e justo.



Trecho antecipado para divulgação. Venda proibida.

1



Planeta URUÇUMIRIM

(1567)



URUÇUMIRIM

RIQUEZAS EM DISPUTA NA BAÍA DE GUANABARA

Embate eliminou a presença francesa e o
predomínio dos nativos tamoios no
Rio de Janeiro, moldando a cidade como um
estratégico bastião colonial.

Embara tenha sido oficialmente fundada em 1º de março de 1565, por Estácio de Sá, a cidade do Rio de Janeiro só teria o domínio português consolidado dois anos depois, com a expulsão definitiva dos franceses que por mais de uma década assediaram a região. A data em que se deu o confronto final – 20 de janeiro de 1567 – não poderia ser mais simbólica para os defensores do território. Trata-se do dia consagrado a São Sebastião, o mártir católico eternamente associado à cidade.

Em 1º de janeiro de 1502, os primeiros europeus a chegarem à Baía de Guanabara estavam em uma expedição portuguesa capitaneada por Gaspar de Lemos. Os integrantes da empreitada cartografaram erroneamente sua extensão como um rio – e a batizaram como Rio de Janeiro em razão da época de seu descobrimento. A região costeira logo se revelou bastante atraente em termos comerciais, dada a abundância por ali de árvores de pau-brasil, cobichadas pelo aproveitamento da madeira e das resinas vermelhas de qualidade superior, ideais para utilização como tintura em tecidos de alto luxo.

Apesar de lucrativa, a atividade enfrentou percalços devido à resistência encontrada pelos temíveis nativos tamoios, da nação tupinambá, praticantes



Arquivo pessoal do autor

Cacique temiminó teve papel decisivo no confronto e tornou-se símbolo da cidade de Niterói.

QUEM FOI

Arariboia

O cacique Arariboia (em tupi, “Cobra Feroz”) vivia na ilha de Paranapuã (hoje, Ilha do Governador), quando os tamoios expulsaram sua tribo em 1555. Os temiminós se estabeleceram então na capitania do Espírito Santo e ali foram catequizados pelos jesuítas. Após a derrota dos franceses, a Coroa portuguesa lhes restituiu as terras perdidas. Em 1573, Arariboia recebeu a sesmaria de São Lourenço dos Índios, no outro lado da Baía de Guanabara, com a missão de proteger a entrada da cidade por mar. Seria o início da atual cidade de Niterói. Neste período adotou o nome de Martim Afonso de Sousa, colonizador de São Vicente. Foi agraciado com o Hábito de Cavaleiro da Ordem de Cristo e com uma pensão de 12 mil réis. Preservou sempre o bom convívio com os portugueses, que o mantiveram em alta conta até sua morte, em 1587.

da antropofagia, e pelas incursões de franceses por aquele litoral, pertencente à então chamada capitania de São Vicente. Em 1554, a aproximação entre esses dois povos já se consolidava, principalmente por meio de atividades de escambo, quando o comandante naval Nicolas Durand de Villegagnon percorreu secretamente a região, para avaliar a possibilidade de estabelecer ali uma colônia permanente da Coroa francesa.

De volta à corte, Villegagnon convenceu o rei Henrique II a investir na empreitada. Em 10 de novembro de 1555, com uma nova expedição, desembarcou na ilha de Serigipe, onde, auxiliado pelos indígenas, ergueu o forte batizado de Coligny, em honra ao principal ministro francês da época, huguenote, assim como parte da tripulação.

A instalação da chamada França Antártica foi menos tranquila do que se anunciava. Os tamoios logo se cansaram dos presentes oferecidos pelos franceses em troca de trabalho pesado. Ao mesmo tempo, o católico Villegagnon reprovava a antropofagia praticada pelos nativos e tentou reprimir as relações de seus colonos com as indígenas, o que resultou em rebeliões e a fuga de parte de seus comandados para as aldeias do litoral. A chegada de protestan-

tes calvinistas, como “reforços”, adicionou à sua gestão o problema das divergências religiosas. Apesar das dificuldades, o líder francês conseguiu expandir a colônia francesa para a região do atual bairro do Flamengo. Em 1559, porém, acabou por retornar ao seu país, deixando o comando na colônia a cargo de seu sobrinho Bois-le-Comte.

Ao tomar conhecimento da fragilidade do forte Coligny, no começo do ano seguinte, o então governador-geral do Brasil, Mem de Sá, deixou a cidade de Salvador à frente de

uma frota para assaltar a posição dos invasores na Baía de Guanabara. Entre 15 e 17 de março, seus bombardeios arrasaram o forte francês, fazendo com que os defensores remanescentes batessem em retirada e se dispersassem pelo continente. Com o auxílio dos tambois e sob a proteção do cacique Aimberê, eles continuaram as suas atividades de comércio em terra firme no entorno do chamado entrincheiramento Uruçumirim, grupo de aldeias cercado por forte paliçada (barreira defensiva formada por estacas fincadas na terra), onde

“

Quem poderá contar os gestos heroicos do chefe à frente dos soldados na imensa mata! Cento e sessenta as aldeias incendiadas, mil casas arruinadas pela chama devoradora, assolados os campos, com suas riquezas, passado tudo ao fio da espada.

José de Anchieta, sobre a batalha de Uruçumirim

”

atualmente existe o Outeiro da Glória. Com a partida de Mem de Sá e suas forças, o projeto da França Antártica prosseguiu.

Aimberê havia passado longo tempo como escravo dos portugueses na construção de um engenho quando empreendeu uma fuga espetacular com outros companheiros, iniciando uma rebelião contra os colonizadores, que também haviam aprisionado sua companheira Iguaçu. Seguindo de aldeia em aldeia, inclusive as de guaianases e carijós, anteriormente seus inimigos, propôs a formação de uma confederação das tribos. Sua aliança com Cunhambebe, líder máximo dos tupi-nambás na extensão compreendida entre Cabo Frio, no Rio de Janeiro, e Bertioiga, em São Paulo, reforçaria suas condições para confrontar o domínio lusitano em toda a região.



Palácio Pedro Ernesto - Câmara Municipal do Rio de Janeiro

Fundação da cidade do Rio de Janeiro na visão do pintor Antônio Firmino Monteiro (1855-1888).

A chamada Confederação dos Tamoios decidiu que o início da guerra seria na época da desova do peixe parati, que ocorre a partir de março. Na primeira batalha, milhares de tamoios armados com tacapes, flechas e espingardas francesas rechaçaram as forças portuguesas. Os colonizadores tentaram, então, uma saída pela via diplomática, com o auxílio dos padres jesuítas Manuel da Nóbrega e José de Anchieta, o “apóstolo do Brasil” e hoje santo – na época com 29 anos de idade. Em 5 de maio de 1563, os religiosos chegaram à aldeia de Iperoig, no litoral paulista, dizendo-se enviados por Deus para estabelecer a paz. Prometeram que os portugueses não iriam mais escravizar os indígenas, lhes dariam de presente muitas sementes, aves e gado, ensinariam métodos de cultivo agrícola, fariam escolas e respeitariam seu território.

Aimberê se posicionou contra o acordo, exigiu a entrega dos índios feitos prisioneiros nas batalhas e reteve os padres na aldeia como garantia. Enquanto o desfecho da segunda assembleia não saía, em meio ao ambiente tenso, José de Anchieta escreveu nas areias da praia de Iperoig o “Poema à Virgem Maria”, que descrevia sentimentos e superstições, costumes e perfis indígenas em uma composição de 5.902 versos.

Manuel da Nóbrega finalmente selou o acordo entre Aimberê e as autoridades portuguesas, que mandaram expedições de soldados às fazendas para libertar os cativos, entre eles, Iguaçu, a companheira do cacique. Cunhambebe, por sua vez, libertou todos os prisioneiros nas aldeias e considerou positivo o Tratado da Paz de Iperoig, oficializado em 14 de setembro de 1563.

LINHA DO TEMPO

Primeiros europeus chegam à Baía de Guanabara. Descoberta é atribuída à expedição exploradora comandada pelo português Gaspar de Lemos.

1502

O comandante Nicolas de Villegagnon tenta estabelecer ali uma colônia da Coroa francesa – a França Antártica – e ergue o Forte Coligny na ilha de Serigipe.

1555

Bombardeios arrasam a fortificação dos franceses. Mas, com o auxílio dos índios tamoios, eles continuam as suas atividades de comércio em terra firme, no entorno do entrincheiramento Uruçumirim.

1559

Aimberê retornou a Uruçumirim, mas um ano depois das negociações os portugueses voltaram a sujeitar os índios a trabalhos forçados, não apenas nos engenhos, mas também em expedições em busca de ouro. Com isso, a guerra recomeçou onde havia sido interrompida, em Iperoig.

Nesse momento, entraram em cena dois personagens fundamentais para a reconquista do território tomado pelos franceses. O primeiro foi o sobrinho do governador-geral, o capitão-mor Estácio de Sá, que chegara a Salvador, na Bahia, em 1563, vindo de Portugal. O segundo, Arariboia, filho do cacique temiminó Maracajá-guaçu (em tupi, algo como “Onça Grande”), que vivia na ilha de Paranapuã (hoje, Ilha do Governador), quando os tamoios, seus tradicionais inimigos, os expulsaram em 1555. Tendo perdido suas terras, a tribo temiminó seguiu para a então capitania do Espírito Santo, onde reorganizou sua aldeia, que foi catequizada pelos jesuítas. Estácio e Arariboia se encontraram no final de 1564, quando o capitão-mor passou pela região e selou com o cacique uma aliança contra os franceses e os tamoios.

Em 1º de março, Estácio de Sá desembarcou com uma guarnição de duzentos homens em uma estreita praia entre os morros Pão de Açúcar e Cara de Cão, na Baía de Guanabara, iniciando imediatamente a construção de uma paliçada (atual Fortaleza de São João) e declarando fundada a cidade de São Sebastião do Rio de Janeiro – uma homenagem ao nome do soberano português de então.

Assim como Arariboia, José de Anchieta estava em um dos barcos que chegaram ao continente para reforçar a presença lusitana naquele litoral. Se-

Em 1º de março, Estácio de Sá desembarca com uma guarnição entre os morros Pão de Açúcar e Cora de Cão e declara fundada a cidade de São Sebastião do Rio de Janeiro.

O índio temiminó Arariboia e o jesuíta José de Anchieta chegam para reforçar a presença lusitana na região.

1565

Em 8 de janeiro, o governador-geral Mem de Sá, tio de Estácio de Sá, chega ao Rio, trazendo três galeões e dois navios de guerra bem armados.

Na noite de 18 de janeiro, 420 combatentes, entre portugueses e temiminós investem sobre Urugumirim.

1567

gundo um relato do padre, escrito em julho de 1565, “logo no dia seguinte, que foi o último de fevereiro ou primeiro de março, começaram a roçar a terra com grande fervor”. “O capitão-mor resolveu pernoitar em terra”, prossegue Anchieta, “dando ânimo aos outros para fazer o mesmo, ocupando-se cada um em fazer o que lhe era ordenado por ele: cortar madeira e acarretá-la aos ombros, terra, pedra e outras coisas necessárias para a cerca”. O capitão-mor é descrito pelo religioso como “amigo de Deus e tão manso e afável, que nunca descansa de noite e de dia”.

Nos meses seguintes, a cidadela ganhou ruas irregulares e algumas casas em estilo português medieval. Surgiram também muitas roças em redor da cerca, nas quais os primeiros “cariocas” plantavam inhame e mandioca. Por ali, “índios e mamelucos” construíam casas de madeira e palha, cobertas com palmas. Em paralelo, Estácio de Sá traçava uma estratégia para eliminar o enclave estrangeiro e seus aliados tamoios da agora chamada capitania do Rio de Janeiro.

Arariboia estabeleceu-se com seu grupo em uma faixa de terra na região de São Cristóvão e ficou à espera de um sinal para iniciar a ação contra os oponentes. Em 8 de janeiro de 1567, o governador-geral Mem de Sá chegou ao Rio de Janeiro trazendo três galeões vindos de Portugal e dois navios de guerra bem armados. Ao receber a notícia, o chefe temiminó atravessou a Baía de Guanabara com alguns de seus melhores guerreiros – a nado, segundo os relatos mais lendários – e juntou-se às tropas portuguesas.

Ao constatar as dimensões das forças inimigas reunidas na baía, Aimberê convocou os franceses que viviam com os tamoios, inclusive seu genro Ernest,

para dizer que estava grato pelo apoio e que se quisessem poderiam ir embora. Os franceses, porém, decidiram ficar e lutar. Foi convocada uma grande assembleia com as tribos aliadas, após a qual até os grupos conhecidos vulgarmente como aimorés e os temidos goitacás rumaram para Uruçumirim a fim de ajudar na resistência. As aldeias indígenas do território que vai de Ubatuba ao Espírito Santo também expressaram seu apoio.

Na noite de 18 de janeiro, 420 combatentes, entre portugueses e índios temiminós, investiram sobre Uruçumirim. Galgando penhascos, Arariboia foi o primeiro a entrar no baluar-

te inimigo. Empunhava uma tocha, com a qual explodiu o paiol de pólvora tupinambá e abriu caminho para o ataque. Durante a luta, uma flecha envenenada atingiu um olho de Estácio de Sá, mas suas forças seguiram incendiando as aldeias e massacrando seus habitantes. Ao final dos combates, 48 horas depois, cerca de seiscentos tamoios haviam sido mortos, inclusive Aimberê e Iguaçu. Dez franceses morreram na batalha, dez foram enforcados e o restante debandou principalmente para a região de Cabo Frio.

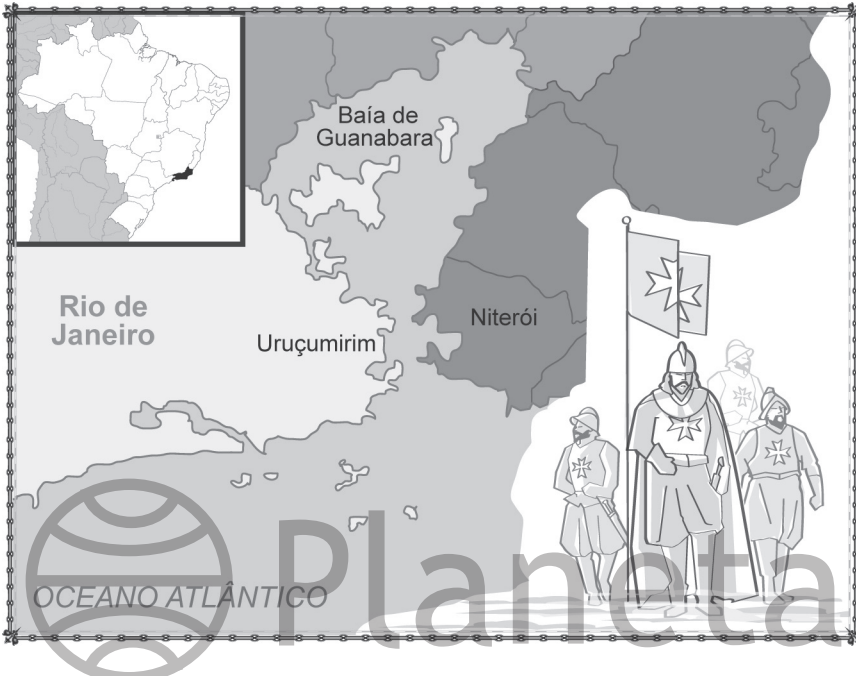
“Estácio de Sá morreria em 20 de fevereiro de 1567, exatamente um mês após ter sido flechado em Uruçumirim, provavelmente em decorrência de uma infecção generalizada provocada pelo ferimento.

”

No dia seguinte, os portugueses liderados por Mem de Sá atacaram o entrincheiramento de Paranapuã, paliçada tamoia na atual Ilha do Governador. O combate resultou na escravização de quase mil nativos e na consolidação do domínio português no Rio de Janeiro.

Estácio de Sá morreria em 20 de fevereiro de 1567, um mês após ter sido flechado em Uruçumirim, provavelmente de infecção generalizada provocada pelo ferimento. Ele tinha 46 anos e foi assistido em seus últimos momentos pelo padre Anchieta. Após a morte do sobrinho, Mem de Sá assumiu o governo da capitania do Rio de Janeiro, sendo sucedido pelo irmão de Estácio, Salvador Correia de Sá. A partir daí, teve

PARA SE LOCALIZAR



A extração de madeira era o principal atrativo econômico da região.

ALDEIAS DEVASTADAS E FRANCESES EM FUGA

Depois que seu Forte Coligny foi destruído pelas forças de Mem de Sá, os franceses refugiaram-se em Uruçumirim, onde atualmente existe o Outeiro da Glória. Em janeiro de 1567, portugueses e aliados da etnia temiminó empreenderam ataque decisivo por terra e mar para expulsar os invasores da cidade..

início o que se poderia chamar de dinastia carioca dos Correia de Sá, que governaram por quase um século.

Um episódio relatado por frei Vicente do Salvador dá a medida da altivez do cacique Arariboia. Durante a cerimônia de boas-vindas a um novo administrador do Rio de Janeiro, Antonio Salema, em 1575, o líder temiminó teria cometido uma descortesia com o representante do rei, ao sentar-se diante dele com as pernas cruzadas. O ato foi imediatamente repreendido pelo governante no-

FIQUE POR DENTRO

A MÍSTICA

Os relatos sobre o processo de formação do Rio são frequentemente envoltos em narrativas religiosas. A inspiração para o nome oficial da cidade - São Sebastião do Rio de Janeiro - havia sido uma homenagem ao jovem monarca português de então, dom Sebastião, nascido onze anos antes, na data da festa consagrada ao santo, 20 de janeiro. Na cerimônia da fundação da cidade, o padre Gonçalo de Oliveira entronizou, numa ermida de taipa coberta de sapê, uma imagem de São Sebastião, que passou a ser o padroeiro local. O próprio Estácio de Sá instituiu, na ocasião, as três setas do martírio do guerreiro romano como armas do novo povoado.

Entre os episódios atribuídos pelos colonizadores portugueses à intervenção do santo, destaca-se o ocorrido em 9 de julho de 1566. Naquele dia, soldados do povoado haviam saído para obter madeira para a construção de uma igreja quando foram atacados na enseada do Flamengo pelos inimigos tamoios, que surgiram em canoas sob o comando do chefe Guaraxá. Estácio de Sá foi em socorro dos companheiros, mas seu grupo se viu em inferioridade numérica. O cerco indígena já parecia imbatível, quando a pólvora levada por uma das embarcações portuguesas entrou em combustão espontânea, causando uma explosão que provocou a debandada dos nativos. Os portugueses acreditaram ter sido salvos por uma ação do santo protetor, até porque relatos posteriores dos tamoios mencionaram a aparição de um jovem guerreiro vestido com armadura resplandecente, de pé em uma canoa, em meio à fumaça.

Alguns aspectos da batalha de Uruçumirim reforçaram essa mística, a começar do dia em que o confronto ocorreu, consagrado ao mártir católico. Participantes da luta também afirmaram ter visto a imagem do santo em meio aos combates com os tupinambás. Finalmente, o destino de Estácio de Sá, flechado como fora o padroeiro supliciado, tornou a associação ainda mais patente.

meado, mas, em vez de se penitenciar, o índio decidiu confrontar a autoridade: “Se tu soubesses quão cansadas eu tenho as pernas das guerras em que servi a el-rei, não estranharias dar-lhes agora este pequeno descanso; mas já que me achas pouco cortesão, eu me vou para minha aldeia, onde não curamos desses pontos e não retornarei mais à tua corte”. Arariboia não cumpriu a ameaça.

O município de Niterói ganhou um monumento ao cacique em 1973, na comemoração do IV Centenário da cidade, a única no Brasil fundada por um



A tela *O Último Tamoio*, de Rodolfo de Amoedo, retrata a morte de Aimberê, assistido pelo padre Anchieta, após o combate de Uruçumirim.

índio. A estátua de corpo inteiro está localizada na praça Arariboia, em frente à rua da Conceição, voltada para a estação das barcas, e substituiu o busto de bronze do temiminó, que ficava no mesmo local. Com a expressão do rosto fechada e braços cruzados, a imagem transmite a sensação de permanente posição de vigilância, para proteger a cidade de invasores vindos do mar e do outro lado da Baía de Guanabara.